

singradura

Conto de
Flávio José Cardozo

Minuto a minuto, sobe a grande água e ganha palmos na pedra. Na amada pedra de Marília, pedra-esperança desligada dez metros dêste mundo, sobe a água.

Imerge a pedra e subirá a noite.

E dia virá, no jôgo perdurável de tais cheias e vazantes, em que tudo tão sólido há de restar indistinguido no verdelhão violento, feito açúcar que se anexa de corpo e alma e abdica dõcilmente da unidade própria. Mar e tempo: pedra e nada; e também Marília, no curso de milênios, pela só integração nas poucas horas de afogada, fará sua parte ponderosa no seio das marés. Nelas sobreviverá seu cheiro virgem e sua espera calada. Pois Marília é mar amantíssimo, de nascença, por decreto imperioso de loucura...

... por vocação precoce de princesa!

Sim — vocação ou fuga, pretensão ou fé, puerilidades. Donzelinha ainda, logo entendeu que seu bem não é da Ilha nem das vizinhanças tão perto, gente visível, comum, João ou Pedro. Qualquer assombração, o búzio de certo vento ou as listras raras de algum peixe, alguém a informou doutros rumos debaixo do céu, paragens e palácios superiores aos das estórias contadas: e o môço daí é príncipe de além, urgentemente a caminho, urgentemente a caminho.

*Será Bernaldo, o Francês,
ou será Dom Leonardo?*

Faz três anos.

Ele não tem nome certo, é apenas fidalgo destemido, nem mora em tal país demarcado, mas domina imensas regiões de terra e gente. Nem seu talhe despontou num só golpe da ambição. Foi surgindo no processar quase diário das visagens, um traço por vez, uma qualidade por palavra, à maneira de ladrilhado e vagaroso painel lavrado nas encostas do Muquém ou do Tijuco. É alto, rosto redondo e trigueiro, tem olhos acesos que são fochos na tempestade e braços potentes de varão feito, sob os quais se determinam cento e vinte homens de bravura escolhida. Roupas e adereços fulguram em faúlhinhas de ouro e, na cabeça, o imperativo chapéu de plumas alteia-o às estrêlas. É herói, Herói, numa só palavra, dono de airoso brigue canhoneiro com uma alcova guardada a chaves e só devassada pela grande luz do meio-dia.

“Marília, me espera de branco e fita no cabelo!” — grita êle em voz de apressado.

Seu idioma é de anseio.

“Marília, por minha honra e bandeira, atracarei nessa Ponta da Galheta muito mais depressa do que é humano, e meus tesouros te cairão aos pés numa tarde nunca tão luminosa em teu país.”

*Levo-te raios de vida,
colête de carmesim,
gargantilhas amarelas,
frontaladas de marfim...*

São arcas cheias.

Mas pausas existem pra muitas ordens à marujada. Marília aguarda e vê: é um corre-corre preventivo contra atitudes do mar, ou uma expectativa pela ocorrência provável de piratas, ou ainda, vez por outra, refrega mesmo com êsses inimigos bandidos, pesada em fogo, arrasante. O fumo dos canhões se condensa, a bandeira mergulha nêle e até parece perdida, e breve ressuscita nas côres impolutas, impõe-se mais tremulante, bem destinada a um pôrto do sul do mundo.

“Nosso beijo, Marília, será suspirado por tôda a gente da cidade e das freguesias, pelas damas de escol e pelas rendeirinhas amigas.”

Assim êle fala, punhal braseado de paixão, e ela o escuta, enternecida e suada.

“Em tua homenagem, os pescadores recolherão barcos e rêdes; namorados suspenderão humildes devaneios; mulher nenhuma evitará invejar-te e nenhum homem ousará julgar-se mais ditoso do que eu.”

Ela o observa na majestade: a espada, o gibão, calções de veludo e meias encarnadas. Está de pé, cortando vendavais na pôpa, a mão esquerda no punho da arma, a outra espalmada na altura do peito. O olhar procura os horizontes e aceita o desafio que dêles parte. Quanta

firmeza, que propósito real de chegar ligeiro! Marília coloca-se a seu lado, invade com êle as espessidões e investe contra tôdas as muralhas e cordilheiras, e compartilha da mesma ternura pela ousadia do brigue, tão milagroso de longe, mas assim de perto tão natural e senhor serenos elementos.

“Meu brigue sou eu e tu és meu pôrto, Marília!”

Ela concorda, muito certa de seu papel aconchegante, e êle jura, de nôvo:

“Se demoro, não te inquietes, te peço: interminável será o gôzo de nosso encontro.”

Sim, sim, que ela entende e não se impacientará. O mar é largo e não terá fim a felicidade atingida numa data qualquer, clara como o sol não quis fazer nunca pra mais ninguém.

“De longe ainda, meu binóculo pesquisará teu vestido branco e a fita do teu cabelo. Quinhentos tiros anunciarão minha chegada.”

Marília ajeita a fita e tira do vestido qualquer sujeirinha leve — êle está molhado, pela curta travessia da praia à pedra, é rendado por ela mesma e a aparente sujeira é tão-somente algum resíduo inocente do próprio mar. Limpa e logo está de nôvo atentíssima.

“Verás a glória e conhecerás o delírio em tua terra, com o teu povo comendo vinte dias corridos à nossa mesa, cantando e dançando suas modinhas alegres e todos sairão bem pagos com a bênção de teu sorriso.”

Ah, êsse dia! Os ranchos se transformarão com as flôres e as luminárias, as areias cintilarão como um lençol de jóias esbanjadas. E o vazio secular de todos se encherá de ufanía: Marília é princesa, Marília é Rainha! Ninguém mais se lembrará em pranto das lutas e derrotas, porque, por muitos anos, pela vida inteira, todos terão no fundo de si uma vitória de retempêro.

“E então, Marília, singraremos. Sem pressa e sem mêdo, vogaremos no rastro da aventura, pra que conheças, enfim, êsse mar em que te debruças, sonhadora. Eu te mostrarei os mistérios do meio oceano (e ouvirás de minha boca como êles são mistérios pequeninhos ante os teus mistérios de mulher amante); verás como a lua é tão outra neste espelho e como nêle são outros todos os raios do sol, tôdas as côres e sombras. E o mar te embalará como a uma criancinha nascida hoje. Meus homens experientes se esmerarão em sua arte de escravos; e, amparada em mim, sentirás quanto é fácil e até bonito arrostar perigos.”

Marília se estende. A voz chega baixinho, assim:

“Na alcova azul, seremos um só, na maciez das noites.”

Ela inebria-se, vira-se de bruços, e os ruídos na pedra são o roçar das águas ao pé das vigias. São música distante. O príncipe a consome:

“Marília, Marília” — e morde-a nos ombros, oscilando como oscila o brigue na placidez das madrugadas.

Faz três anos.

De menininha quase, transmudou-se em corpo ondeado, de cabelos luzidos pelo sol de cada dia. Ela ajuda a mãe na tecedura de rendas, quieta, cantante às vêzes, sempre alongando a vista pro quadrado da janela. Quando solta palavra, além das cançonetas que tudo dizem e não dizem nada, é um ai-ai doente, suspiroso, que a mãe chama preguiça pra não ser rude. Mas sabe a mãe que é preguiça sem remédio caseiro, sem benzedura ou reza. Porque a fama é verdadeira: pobre da môça Marília, a maluquinha! De que vale ser assim bonita e boa rendeira, se é aluada e anda perdida por curvas de praia, sentada em pedras com a cabeça erguida na busca de fantasmas ou de queixo enterrado no coração?

E escutando:

“Quando quiseses ter, depois dos muitos mares, muita terra pra dominar outros sêres, terás meu reino à tua vontade, meus cidadãos e minhas ruas, carruagens e coroas. Dum trono mais precioso que o meu, me governarás.”

Que pena, tão olhada pelos moços, apesar de tudo; olhada e perseguida principalmente por Pedro, um rapaz honesto, dizem que até futuroso, pescador sadio. Que pena, de Pedro e dela!

Quase deu certo, é verdade. Passearam um pouco, êle levou-a de barco um pouco além da terra e da pedra, deram-se a mão, mas logo ela fugiu, sem dizer nada, por quê. Êle continua teimoso, indiferente às friezas.

— Gosto mesmo — é o que diz sempre.

— Não quero ninguém — é o que ela fala. E corre: as carnes tenras se agitam sob a pouca veste praieira e fica belo vê-la fazendo sombra na areia e silhueta na distância, como fica tão belo e triste surpreender seu aspecto de quem aguarda.

— É uma doida, Pedrinho.

O rapaz enraivece, briga mesmo, vai pra outro canto do espaço.

— Quero ela e só ela, assim e assim.

Planeja muitos modos de cativá-la, satisfações, brinquedos, outros passeios de barco, uma escalada de morro no domingo. Idealiza um presente da cidade em papel colorido, sandálias, vidro de perfume, uma corrente pro pescoço moreninho. Mas nisso, sem precaução, descai pro inferno da riqueza — um brinco! uma pulseira! um diadema! — e se esgana quando volta a ver os pés descalços e a roupa carcomida de sal. Lembra-se dela sempre limpa e clara, embora pobre ou até mais pobre do que êle.

— Ô desgraça! — e se pergunta: — Por que êsse exibimento, por que que ela foge e se endeusa, se embruxa?

Sente ódios, uma fome canina de violar tôdas as leis, aquela inútil vontade de revirar a terra esburacada em que vive.

— Mas eu gosto, gosto. Agora, ontem, amanhã, Marília.

É de tardezinha, hoje, e ela ouve outras mais.

“Marília, estou já perto. Um pouquinho só e meu binóculo alcançará teu vulto; ouvirás a salva prometida e logo nos estreitaremos, pagos com justiça.”

Ela acena com a cabeça, estica os braços como para enlaçar o estrangeiro, depois se estira e olha o céu.

A noite não demora.

“Não apagaremos nunca, tu e eu.”

E Pedro se aproxima. Vem nadando de mansinho e é bicho concentrado na emboscada. Vê os calcanhares dela recuados, os joelhos entreabertos, uma parte dos seios saltada pela abertura refrescante da roupa. Ela só respira para as promessas que chegam lá de longe; mas dá de si no ataque felino. Sem um susto, sem surpresa.

É seu príncipe:

— Chegaste...

E êle diz:

— Marília, Marília — numa voz tão sua, Pedro-criançola, que a ilusão se destrói: vêm fôrças à prêsa, êle quase cai, mas reage: — Te mato, sua endemonhada!

Marília se recolhe em concha pra receber os arremessos da cólera. Não morre já, desfalece — as pernas relaxadas, Pedro longe.

Lá vai Pedro.

E o mar crescente, no ritual da maré alta, roubará todo o sonho e tôda a espera: e a singradura viverá bilênios.